



abralic
experiências literárias textualidades contemporâneas

**“NADA DE BANDEIRAS”: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE(S),
MIGRAÇÃO E ALTERIDADE EM DOIS ROMANCES NIGERIANOS
CONTEMPORÂNEOS**

Sheila Ribeiro Jacob (UFF)

RESUMO:

Este trabalho propõe um diálogo entre os romances nigerianos “Cidade aberta” (2011), de Teju Cole, e “Americanah” (2013), de Chimamanda Adichie. Ambas as obras nos possibilitam refletir sobre aspectos do mundo contemporâneo, como identidade(s), alteridade e diáspora, já que os dois protagonistas nigerianos – Julius e Ifemelu, respectivamente – deixam seu país natal em busca de uma melhor formação nos Estados Unidos. Em contato com outras culturas, eles não apenas percebem os estereótipos que habitam o imaginário ocidental referente ao continente africano, herdeiro do discurso colonial, como também invertem o olhar do discurso hegemônico. Nos romances ora analisados, são os personagens africanos que erguem sua voz para nos dizer de sua vida, suas impressões, andanças e reminiscências naquele outro mundo, surpreendendo-nos com observações apuradas sobre modos de vida tão banalizados por nós, ao mesmo tempo em que questionam os preconceitos acerca de seu povo, de seu país e de seu continente. Tais questionamentos se dão tanto por meio da narração em primeira pessoa, no caso do texto de Teju Cole, quanto pelas publicações em um blog sobre cultura feitas pela personagem criada por Chimamanda. Reféns de uma certa solidão e saudosos de sua terra, o deslocamento espacial que os protagonistas estabelecem resulta em um deslocamento de olhares e percepções de si mesmos e daqueles com quem passam a conviver, entendendo que não apenas diferenças, mas também muitas semelhanças unem os países separados pelo Atlântico. Para refletir sobre as duas obras em questão, são convocados pensadores como Edward Said, Frantz Fanon, Gayatrik Spivak, Silviano Santiago e outros pesquisadores que se têm dedicado aos estudos sobre identidade, nação, territorialidade, diáspora e alteridade, questões que se apresentam cada vez mais atuais como podemos ver nos noticiários internacionais e em diversas produções literárias.

PALAVRAS-CHAVE: Romances nigerianos. Diáspora. Alteridade.

Gente, só é feliz, quem realmente sabe que a África não é um país
Emicida, em “Mufete”

O consagrado escritor nigeriano Wole Soyinka, o primeiro africano a ganhar um Prêmio Nobel de Literatura – em 1986 – veio ao Brasil recentemente, em junho de 2016. Em uma entrevista à revista *Época*, comentou sobre a nova geração de escritores de seu país que, em suas palavras “trazem um contraste estilístico. São mais sofisticados, estão se afastando de narrativas simplistas e apostando em experimentalismos, seja no teatro, na poesia ou nos romances”¹. Como ele afirma, os autores de sua época estavam engajados em tratar, em suas obras, temas como colonialismo e a emancipação dos povos africanos. Ele nos diz: “Houve um tempo em que todo jovem autor era considerado reacionário se não escrevesse propaganda”. Já os autores de hoje, na sua opinião, permitem que os personagens falem com suas próprias vozes, o que não deixa de ser um ato político também, pois, cito, “na literatura, a política pode ser expressa quando, simplesmente, deixamos os seres humanos ser eles mesmos”.

É exatamente isso que percebemos nas duas obras ora analisadas e postas em diálogo: *Cidade aberta (Open city)*, de 2011, romance de estreia de Teju Cole, que em 2012 veio ao Brasil para participar da FLIP; e *Americanah*, o último romance lançado pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie, por nós muito conhecida por causa de suas palestras, em especial a intitulada “O perigo da história única”, de 2009. Nela, Chimamanda, que se define como uma “contadora de histórias”, nos revela que foi uma leitora e uma escritora precoce, mas não conseguia se identificar nem com os personagens nem com os espaços que aquelas letras lhe apresentavam, pois os livros aos quais tinha acesso eram americanos e ingleses. Depois, ao tomar contato com a literatura produzida por autores de seu país, percebeu que pessoas como ela poderiam se tornar personagens de um livro. E mais: poderiam ser personagens fortes, e não pobres coitados à espera de serem salvos. Diz ela: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como apenas uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão”². Depois, adverte: “A história única cria estereótipos. E o problema é que os estereótipos

¹ Disponível em <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/06/wole-soyinka-precisamos-ajudar-o-boko-haram-se-unir-congregacao-de-fantasma.html>

² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>

não são mentiras, mas são incompletos. E uma história, apenas, se torna a única história”.

A advertência de Chimamanda deixa clara a potencialidade dos livros em questão, os quais contribuem para que não formemos, ou não forcemos, em nosso imaginário leitor, uma história única da África. Nessas obras, seus personagens nos apresentam suas memórias, suas dores, suas alegrias, seus desejos e suas contradições. Sobre isso, lembro um trecho de uma entrevista de Teju Cole, na qual afirma que gosta de “explorar essa imperfeição [dos personagens], porque é assim que as pessoas são de verdade, boas e más, não apenas boas ou apenas más”³.

É essa complexidade que observamos em seu romance *Cidade Aberta*, que se constitui quase como um diário de seu protagonista, Julius, o narrador em primeira pessoa. Já em *Americanah* a narração se faz em terceira pessoa, muito próxima à protagonista Ifemelu, cujos comentários e opiniões são publicados em um instigante blog chamado *Raceteeth ou Observações diversas sobre negos americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana*. As postagens são transcritas no romance com uma fonte diferente, intercalando, à trama apresentada, as sagazes percepções da personagem com sua “voz irreverente, desafiadora, engraçada e provocadora” (ADICHIE, 2014, p. 11).

Resolvi propor um diálogo entre as duas obras pois ambas tratam, a meu ver, além de muitos outros aspectos, de temas como os estereótipos construídos acerca da África – como vimos na palestra de Chimamanda, mesmo quando se trata de tantos anos após a superação oficial do colonialismo. Também abordam os encontros culturais possibilitados pelo movimento diaspórico e pelos avanços da modernidade; a questão do poder da representação e, ao mesmo tempo, das relações entre representação e poder, que tornam o jogo desigual quando observamos o poderio econômico, político e, conseqüentemente, cultural dos países da Europa e dos EUA em comparação ao do continente africano; e, por fim, os dois livros nos apontam para um dos temas mais sérios e urgentes que se apresentam no âmbito internacional hoje, que é a questão da imigração – ou melhor, das perseguições, do preconceito e do não-lugar dos imigrantes.

Aos romances, finalmente.

“Então, quando comecei a fazer minhas caminhadas à noitinha no outono passado, [...]” (p. 9). Tal afirmação é feita por Julius, o narrador de *Cidade Aberta*, um

³ Disponível em <http://interrogacao.com.br/2013/02/cidade-aberta-de-teju-cole-livros/>

sujeito em constante deslocamento que durante suas caminhadas pelas ruas de Nova York experimenta uma sensação de isolamento e profunda solidão. Nascido na Nigéria, mudou-se para os EUA, “lugar que não é indiferente à cor da pele das pessoas” (COLE, 2012, p. 111), para fazer faculdade e, depois, residência em psiquiatria. Ao passear pela cidade em um período posterior a 11 de setembro, ele revela suas angústias, nos conta sua história pessoal intercalando o presente ao passado de sua infância na Nigéria e reflete sobre aquele lugar e sobre sua condição específica de imigrante e de tantos outros, conterrâneos ou não, com quem estabelece contato.

É interessante notar que o personagem está, do início ao fim do romance, em constante movimento. Quando Julius caminha pela cidade consegue perceber suas contradições e suas divisões; consegue observar a sobrevivência daquele mundo colonizado que era um “mundo cortado em dois” (FANON, 2005, p. 54), nas palavras do martinicano e também psiquiatra Frantz Fanon. Essa divisão de mundos se apresenta de forma mais clara ainda quando Julius nos conta que, no Harlem, tradicional bairro afro-americano, por exemplo, ele viu, cito, “o agitado comércio dos ambulantes na calçada: os senegaleses vendedores de roupa, os jovens que vendiam DVDs piratas, [...] Na noite do Harlem não existiam brancos” (COLE, 2012, p. 27-28). Em outra ocasião, o protagonista, amante de música clássica, vai a uma apresentação e observa que, ao contrário do que viu nas ruas, ali

quase todos eram brancos, como quase sempre acontece em tais concertos. É uma coisa que não posso deixar de notar; reparo toda vez e tento não ver. [...] Estou acostumado, mas nunca deixa de me surpreender a maneira como é fácil sair da *hibridez da cidade* e entrar em espaços só de brancos, onde a homogeneidade, até onde posso ver, não causa nenhum desconforto aos brancos ali presentes. A única coisa estranha, para alguns deles, era me ver, negro e jovem, em minha poltrona ou no bar do teatro (COLE, 2012, p. 303, grifo meu).

Tal divisão, como nós brasileiros bem sabemos, não está só em NY: está no Rio, em São Paulo, em Recife, como vimos recentemente no filme *Aquarius* e no esgoto que separa a parte rica – Pina – da pobre – Brasília Teimosa.

No início de *Americanah*, Ifemelu também está em deslocamento: precisa sair de Princeton e ir a Tilton para trançar seu cabelo, mas achava um absurdo ter de fazer tal movimento. Ela se prepara para uma mudança maior ainda: depois de treze anos morando e trabalhando nos EUA, resolve voltar para sua cidade natal, Lagos, na Nigéria, onde passara sua infância e onde vivera um grande amor com Obinze. A partir

de então, a narrativa se constrói em idas e vindas no tempo, que nos permitem conhecer melhor essa intrigante personagem, suas dúvidas, seus erros, suas superações e ideias sobre aquele país, invertendo um pouco o olhar colonial e nos revelando, pelas lentes de uma nigeriana, suas impressões e críticas sobre os hábitos e os lugares comuns estadunidenses já tão naturalizados por nós. Ela fala, por exemplo, sobre o ideal de magreza, a comida sem gosto, o discurso da violência e a loja de roupa que parecia, na sua opinião, uma casa noturna por ser “frenética demais”.

Há várias cenas que ilustram muito bem essa inversão do olhar. Uma delas é quando, logo após chegar aos EUA, resolve sair com as amigas. Nos diz o texto:

Vocês não vão se vestir?, ela perguntou às outras meninas antes de saírem. Jackie disse: Nós estamos vestidas. Como assim?, com uma risada que sugeria que mais uma estranheza tinha surgido. Elas foram à casa de uma fraternidade na Chestnut Street, onde todos ficaram parados, de pé, bebendo um ponche cheio de vodca em copos de plástico até Ifemelu aceitar o fato de que ninguém ia dançar; fazer uma festa ali era beber de pé. (ADICHIE, 2014, p. 140).

Ifemelu ansiava compreender tudo. Para isso, pegou diversos livros emprestados e, aos poucos, se foi familiarizando com aquele mundo. Nos diz o texto: “Conforme lia, as *mitologias* dos Estados Unidos começaram a ganhar significado e seus *tribalismos* – de raça, ideologia e religião –, a se tornar claros. E Ifemelu se sentiu consolada pelas coisas novas que aprendeu (ADICHIE, 2014, p. 149, grifo meu).

Ifemelu vai questionando os hábitos estadunidenses e o próprio olhar que eles têm sobre a África. *Americanah* tenta o tempo inteiro romper com o perigo dos estereótipos produzidos pela perigosa história única de que falou Chimamanda em sua palestra: “Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os EUA” (2014, p. 315). Em outra cena, dentre várias que poderiam ser citadas, ela diz para uma amiga de casa que não gosta de cachorro, ao que segue o seguinte diálogo:

“Isso é tipo uma coisa cultural?”
“Como assim?”
“Tipo, eu sei que na China eles comem carne de gato e de cachorro”.
“Meu namorado adora cachorro, eu só não gosto”.
“Ah”, disse Elena, olhando para Ifemelu com o cenho franzido [...]
(ADICHIE, 2014, p. 139)

Outra ideia, portanto, bastante criticada é a que baliza o nosso olhar redutor com relação à África: a ideia de que a África é um território cultural e político homogêneo. Com Kwame Appiah sabemos que não há “um reservatório comum do saber cultural” e que “é simplesmente um erro supor que as [várias] culturas da África sejam, umas para as outras, um livro aberto” (APPIAH, 1997, p. 120). Esse é mais um dos estereótipos: o nosso olhar redutor para a África, que ele chamou de “invenção da África”, como também mostrou Emicida na canção cujo verso foi escolhido para epígrafe.

Ambos os romances nos mostram, portanto, que existem representações tanto de um lado quanto do outro, mas ressaltam como é necessário pensarmos, sempre, na questão do poder. Há um diálogo muito interessante em *Cidade Aberta* que ilustra com clareza esse aspecto. Em um bar em Bruxelas, dois marroquinos e um nigeriano conversam sobre política internacional, a situação em seus países, a opinião que os europeus têm deles, e por aí vai. Segue-se, então, um longo trecho, aqui recuperado pela relevância das reflexões expressas:

Deixe-me perguntar uma coisa, disse ele [Khalil], com malícia nos olhos. Os negros americanos – usou a expressão inglesa – são mesmo como mostram na MTV: os cantores de rap, os dançarinos de hip-hop, as mulheres? Porque é só isso que a gente vê por aqui. É assim mesmo? Bem, respondi devagar e em inglês, deixe-me responder assim: muitos americanos supõem que os muçulmanos europeus andem cobertos da cabeça aos pés, se são mulheres; ou que usam barba grande, se são homens; e que só se interessam em protestar contra aquilo que acham ser ofensas ao islã. [...] o americano comum provavelmente não imagina que os muçulmanos na Europa sentem em cafés e tomam cerveja, fumam cigarro Marlboro e discutem filosofia política. Da mesma forma, os negros americanos são como quaisquer outros americanos: são como qualquer pessoa. Têm os mesmos empregos, moram em casas normais, mandam os filhos para a escola. Muitos são pobres, é verdade, por razões históricas, e muitos gostam de hip-hop e dedicam a vida a isso, mas também é verdade que alguns são engenheiros, professores universitários e generais. São vítimas da mesma representação que nós, disse Farouq. A mesma representação, falei, mas o poder é assim mesmo, quem tem o poder controla a representação. (p. 145-146).

Esse trecho nos faz lembrar a apurada observação de Edward Said em *Orientalismo*, quando ele destaca que

as ideias, as culturas e as histórias não podem ser seriamente compreendidas ou estudadas sem que sua força, ou mais precisamente, suas configurações de poder também sejam estudadas. [...] A relação

entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa (2007, p. 32).

É por isso que, em *Americanah*, o professor senegalês de Princeton convence Ifemelu a aceitar uma bolsa de pesquisa. “Nós precisamos entrar nesses lugares, entende? É a única maneira de mudar *o rumo da conversa*”, justificou (2014, p. 368). Esse trecho é muito interessante, pois nos fala da necessidade que os outros falem e chama nossa responsabilidade de termos disposição para ouvi-los. Quando Spivak (2010) perguntou se pode o subalterno falar, ela estava nos questionando se o caráter dialógico da comunicação seria possível: ou seja, se ao ato de falar corresponderia o de ser ouvido de fato.

Para além de uma importante reflexão sobre a representação e o poder, ambos os romances também abordam a questão da imigração, já que os dois se passam nos EUA pós-ataque às Torres Gêmeas. Julius, em dado momento, se lembra de um “turista que certa vez [lhe] perguntou como poderia chegar ao Onze de Setembro” (COLE, 2012, p. 67). Em *Cidade Aberta*, o tema aparece de forma mais clara em diversos momentos. Um deles é quando Julius vai visitar uma prisão de imigrantes e se depara com Saidu, um sobrevivente da guerra da Libéria que conta seus dramas e seus periplos até chegar aos EUA, sonho que alimentava desde muito cedo e onde pôde respirar o ar por apenas três dias, após ter sido preso no aeroporto. Uma história muito comovente, contada “como se as palavras fluíssem livremente de um aquífero até então contido por uma barragem no fundo de sua memória” (2012, p. 83).

Já em *Americanah*, Obinze, o primeiro amor de Ifemelu, vive os problemas do imigrante na Inglaterra, para onde foi depois de inúmeras tentativas frustradas de conseguir o visto para os EUA. Em Londres, onde morou por um tempo até ser deportado, Obinze “era invisível, sua existência era como um rascunho feito a lápis e apagado; cada vez que via um policial ou qualquer pessoa de uniforme, qualquer pessoa com o mais leve ar de autoridade, tinha de controlar-se para não sair correndo” (ADICHIE, 2014, p. 279). Ao contrário de Julius e Ifemelu, sujeitos privilegiados, Obinze, assim como tantos outros, passa por uma série de subempregos e constrangimentos, nos fazendo lembrar do texto “Cosmopolitismo do pobre”, de Silviano Santiago, em que afirma que

[d]epois dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, em que se acerbam as diferenças étnicas e religiosas pelo viés do fundamentalismo mútuo, as possibilidades de um multiculturalismo

[...] foram jogadas na lata do lixo do novo milênio, ao mesmo tempo em que grupos de emigrantes (ou de já imigrantes) nos Estados Unidos sofrem as constrictões e os vexames que todos os jornais e televisões noticiam (SANTIAGO, 2004, p. 57).

Enquanto o fato histórico em *Cidade Aberta* é a queda das Torres Gêmeas, e consequentemente o recrudescimento da aversão aos imigrantes, especialmente vindos de países de maioria muçulmana, em *Americanah* são citados os sonhos e a animação com a vitória de Barack Obama, aquele candidato em quem Ifemelu, seu namorado Blaine e todos os seus amigos “acreditavam. Acreditavam de verdade” (ADICHIE, 2014, p. 385). Quando ele foi eleito e estava fazendo seu primeiro pronunciamento, “não havia nada mais belo para ela do que a América” (p. 390).

Quando refletimos sobre a questão da imigração em ambos os romances, vemos que as cidades dos países desenvolvidos não são tão abertas quanto podem parecer. Suas “fronteiras flexíveis” (2012, p. 120), termo emprestado ao romance de Teju Cole, tornam-se limites intransponíveis no âmbito social. “Havia uma fronteira e eu estava perdendo meu tempo tentando atravessá-la” (p. 138), nos diz Farouq.

O livro parece clamar para o que Homi Bhabha enxerga como a fronteira em sua reflexão acerca do entre-lugar: não um limite, o marco de um afastamento, mas sim de encontros em que ocorrem poderosas e frutíferas trocas culturais. Vale lembrar a epígrafe escolhida para iniciar o seu clássico “Locais da cultura”: “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”, disse Martin Heidegger (*apud* BHABHA, 2007, p. 19). No caso da diáspora aqui convocada, podemos pensar o Atlântico e sua fluidez como um ponto de encontro, tal como fez Paul Gilroy em *Atlântico Negro*, livro em que procurou “repudiar as perigosas obsessões com a pureza ‘racial’ que se encontram em circulação dentro e fora da política negra” ao escrever um livro sobre a “inevitável hibridez e mistura de ideias” (GILROY, 2012, p. 30). E finaliza: “A história do Atlântico negro fornece um vasto acervo de lições quanto à instabilidade e à mutação de identidades que estão sempre inacabadas, sempre sendo refeitas” (*idem*).

Os livros de Chimamanda e Teju Cole mostram exatamente a transnacionalidade e a interculturalidade de que falam Bhabha, Gilroy e tantos outros autores contemporâneos, mas mesmo tempo apontam para o desafio ainda posto de acolher, e não repelir, as diferenças. Farouq, o personagem de *Cidade aberta*, observa: “A

diferença nunca é aceita. Você é diferente, muito bem, mas essa diferença nunca é vista como algo que contém seu próprio valor” (COLE, 2012, p. 128). E continua: “O estrangeiro continuou um estranho e se converteu num alvo para novos descontentamentos” (*ibidem*, p. 130).

Para a produção de um novo pensamento, tal como propõe Farouq, que seja capaz de valorizar e acolher as diferenças, é necessário resistir aos nacionalismos e às ideias de identidades fixas e homogêneas, que só serviram à dominação colonial graças à construção simbólica de um mundo maniqueísta. Quando Julius resolve enviar ao aqui já tão citado amigo marroquino, por correio, um exemplar do livro *Cosmopolitismo*, de Appiah, não é à toa que, ao observar uma cartela de selos, responde que não deseja “nada de bandeiras”, mas sim algo mais interessante. E conclui: “Acabei optando por uma linda série inspirada em colchas artesanais de retalhos feitas pela comunidade Gee’s Bend, de afro-americanos do Alabama” (COLE, 2012, p. 225). É muito significativo pensar que, no lugar das bandeiras nacionais, o personagem optou pela representação de colchas de retalhos para selar o envio de uma obra – *Cosmopolitismo* – que vai atravessar o Atlântico até chegar a Bruxelas, onde Farouq estava morando.

Acredito que a leitura das obras de Chimamanda, Teju Cole e tantos outros escritores africanos, como Coetzee, Mia Couto, Luandino Vieira e Paulina Chiziane, possibilita lançar o olhar para além desse Atlântico, que nos separa e nos aproxima, enxergando semelhanças e diferenças, desfazendo mitos e nos apresentando a diversidade de vidas, sonhos, ambições e realidades que transitam por um continente que é múltiplo. Desse modo, termino com uma observação de Farouq, mais uma vez: “Tudo o que há de interessante está nos livros; os livros é que me deram consciência da diversidade do mundo” (COLE, 2012, p. 153). Que os livros, as músicas, os filmes, as peças e as artes plásticas possam mudar o rumo das conversas e nos abrir para a beleza da diversidade do mundo.

Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozie. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai:** a África na filosofia da cultura. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

COLE, Teju. Cidade aberta. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005 (Coleção Cultura).

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Silviano. “O cosmopolitismo do pobre”. In **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. pp. 45-63

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.